CAPISTRANO NA INTIMIDADE

H. GONZALEZ

Nas sessões do Instituto do Ceará, em 5 e 20 de outubro, e 4 de novembro de 1942, Leonardo Mota, recordando Dolor Barreira, no tema **Por que não escreveu Capistrano a História do Brasil** (1), ocupou-se em falar sôbre **Capistrano de Abreu anedótico**... Sua **trouvaille**, publicada na revista do Instituto, dêsse ano, revela-nos, de fato, uma vida curiosa. Fica-se em dúvida se há fundamento naquelas **boutades** atribuidas ao grande historiador.

Era Capistrano afeito ao humorismo, **conditio sine qua non** da sua sobrevivência psíquica para não sumir-se, como misantropo, no abismo esquizóide. Daí o não poder dissociar a personalidade do **homo sapiens** (como êle diria) do historiador, dado que era da sociedade humana porque não fôra prèviamente consultado (2), **ab in ovo**, diremos nós. Mas o homem, o **in solitudinis cordis**, era exclusivamente da família, o pai de Abril, o rapaz que sobrara das leituras de Defoe, genro daquela respeitável **grand-mère**, que resistira no tempo e no espaço a noventa e três (3) rigorosos invernos, e a quem Gonçalves Dias, na mocidade, fizera versos.

---

(1) Rev. do Instituto do Ceará — Tomo LVI, Ano LVI, págs. 55/78.

(2) Fui inscrito na Academia Humana Independente de Consulta e já acho excessivo. Correspondência de Capistrano de Abreu, vol. 11, pág. 58.

(3) Amigo Lúcio: cheguei a S. Paulo a 8, no dia seguinte (16/12/1921) perdia minha sogra. Completara 93 anos, criou os filhos e os netos, nenhum dever deixou por cumprir, e as atribulações da vida nunca venceram sua alegria. Gonçalves Dias, que a conheceu em 1749, com 19 anos, dedicou-lhe uma poesia, impressa no 1.º ou 2.º volume. Correspondência citada, vol. 11, pág. 187.

Trazendo pesada carga afetiva desde a infância, a brutalidade que tanto traumatiza o homem na sua madureza, (4) o historiador não transpusera os pródromos psíquicos. Revelava o fato com todos os pormenores, como nos afirmou um médico em Petrópolis, em cuja fazenda, do progenitor, em Muriaé, Minas, Capistrano passava longas temporadas. Por isso mesmo, ainda porejando os sinais do trauma, ia para a rêde sem tirar as botas cheias de barro. E se não bastasse a pessoa que nos confirmou tudo, testemunho auditivo do caso, que muitas vêzes ouviu a palavra de Capistrano, espontânea, relatando a violência — **Testis unus testis nullus** —, aqui trazemos o segundo, de uma sobrinha de Jaguaribe, espôsa de médico, não nos recordamos se de S. Paulo ou Minas, que nos contou outro de estarrecer. Certa vez Capistrano, numa tarde de chuva, saía de casa do seu grande amigo Jaguaribe, para um automóvel, em ceroulas, de guarda-chuva aberto, quando a informante, então menina, viu e logo deu alarma do escândalo... Com a maior calma, o mestre recolheu-se, recompondo a indumentária. Partindo dêsse ponto, chega-se à conclusão de que não é anedotário o que se passou. Trata-se, evidentemente, de distúrbios da memória.

Era da mesma taba do Barão de Studart — o Ceará —, mas diferente como homem na sociedade. Enquanto para Studart, de formação religiosa, cada dia era o dia de fazer um bem ao próximo (isso nos faz recordar Martins Fontes: **como é bom ser bom**!) Capistrano, no seu egocentrismo sem par, recolhia-se à rêde, buscando refrigério no livro, livro que era palma e confôrto, e era medicina para sua ansiedade. (5)

Pobre como Jó, nada tinha para dar. Vivia dos amigos e para os amigos. E que amigos! Calógeras, Rio Branco, Bulhões, personalidades que tinham as rédeas do País como Ministros, e outros riquíssimos, como Eduardo Prado, Paulo Prado, Martim Francisco. Afora êsses, que lhe prodigalizavam viagens, como Assis Brasil e outros, desfrutava da amizade de muitos notáveis historiadores portuguêses, com os quais se correspondia amiúde.

(4) Queremos aproveitar para esclarecer um ponto. Capistrano não veio para o Rio logo após aquêle fato que nos relata Leonardo Mota, em que estava envolvido Fausto Cardoso. O fato comprovamos. A viagem deu-se muitos anos depois, quando Capistrano tinha 22 anos, pois pela carta enviada a João Lúcio, em Portugal, se deduz que chegou ao Rio em 1875 e, como nasceu em 1853, tinha atingido a maioridade nessa viagem.

(5) Seu interêsse pelos índios é conhecido mais devido às informações que colhia sôbre a língua dêles, porém, muitas vêzes, perdia a paciência, como aconteceu com Saint Hilaire, que até chorava pelo seu índio...

Recebendo minguado dinheiro como professor do Colégio Pedro II, ou na Biblioteca, tudo transformava em livros, em cópias de documentos nos arquivos de além-mar. Necessitando de roupa, ia à Casa Colombo e, como o Bocage das anedotas, enrolava-se numa daquelas peças de casimira alinhavada, de largas mangas. Alguém lhe chamava atenção sôbre a **marmota** e êle respondia:

— Menino, olha que bôlso! Supimpa para guardar livros!...

Fôra como o Padre Vieira, aquêle que vivendo na côrte dos reis e sendo mentor de D. João IV, nada solicitava para si. Todo bem possível que pudesse haurir daquela convivência era para o pai, para o irmão, Bernardo Vieira Ravasco, e para o sobrinho, que, apesar de espúrio, êle amava "porque a taba onde nasci não dera frutos"...

Não foi, portanto, um misantropo **in totum**. Tinha uma sociedade escolhida por via da sua paixão pela história.

A família dispersou-se no tempo e no espaço e êle ficou só com Abril, nas pensões do Rio, diga-se, no **ôco do mundo, na estrada de Icó, pendurado num raro de cipó**... Depois, o Abril (6) também desapareceu...

As centenas de cartas escritas, que constituem sua correspondência, eram-lhe o grande lenitivo. Nelas estampa-se sua alma torturada, sempre aparentemente alegre, lançando frases irônicas, identificando oragos do dia para se ver livre de auto-acusações, fazendo charadas, em forma com a sua desventura, terapêutica constante para o espírito em vivência, ameaçadora.

Não atinava com a enfermidade dos outros, como a de Raul Pompéia, que se matou estùpidamente, e a quem êle no fim acha rude, sem compreender a mania de perseguição que o suicida deixava transparecer, nas derradeiras atitudes, para com êle, Capistrano. Era sábio o grande historiador, era autodidata, era exegeta, era mestre, sem dúvida.

Sem dinheiro, arrastando sua cruz, sobrevivendo pela inteligência, sua vida foi uma vida torturada, mas que teve compensações através do mundo próprio que êle criou, na perquirição, no trato familiar que lhe proporcionavam momentos felizes e contrariedades. Ora aqui, em Santos, em S. Vicente, em S. Bernardo, em Pedras Altas, em Santana do Livramento, em Goiás, em Belo Horizonte, ora acolá. Ia para onde o vento o levava. Até para a Alemanha o quiseram arrastar, sem despesas... (7)

---

(6) Tudo nos faz crer que êste nome **Abril** seja uma recordação do Robinson Crusoé, onde há um personagem com o nome de **Sexta-Feira**.

(7) Há dias recebi recado da nossa Legação na Alemanha, que fôsse para Berlim e lá teria casa e comida e não faria despesa enquanto quisesse. Vol. 11, pág. 124.

Era natural que tivesse reações, que tivesse dois pólos: de atração e repulsão. Simpatia e antipatia. Não matava, não esfolava. Não feria. Sua arma era um apelido. Com aquêle admirável espírito improvisador, tirava do fundo do pensamento um epíteto adequado para brindar qualquer pessoa, animal ou cousa. Muitas vêzes era injusto, mas é necessário que meçamos essa injustiça com a medida do tempo e das circunstâncias. Assim foi com o Barão de Studart, verdade que seu amigo de infância, apaixonado como êle pela História.

Contemos o caso sem deixar laivos de dúvida sôbre o caráter dêsse grande homem que foi Capistrano de Abreu. Por uma circunstância especial, além do valor da obra (nós atribuímos à queima dos exemplares do livro), deixou-se empolgar por Antonil. A lembrança do autor já vinha da infância (8). Isso recorda ansiedade. Escrevera Antonil uma obra notável: "Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas". Divide-se em **Livro Primeiro,** sôbre o senhor de engenho. **Livro Segundo**, sôbre o plantio da cana. **Livro Terceiro,** sôbre açúcar. Depois **Segunda Parte,** sôbre tabaco. **Terceira,** sôbre minas de ouro. **Quarta,** sôbre gado e seus correlatos. Foi editado em 1711, em Lisboa. Sendo cabedal precioso de informações, D. João V mandou confiscar o livro. Tôda a edição foi destruída, restando apenas uns seis exemplares, que escaparam à sanha vandálica dos meirinhos. Frei Mariano da Conceição Veloso, diretor da Imprensa do Arco do Cego, em Lisboa, editando a obra **Fazendeiro do Brasil,** de 1789 a 1806, ordenou a composição de um folheto com 120 páginas, em 1880, compreendendo um extrato do livro de Antonil. (9)

Em 1837, no Rio, apareceu a edição de Junius Vileneuve (10),

---

(8) 23 de outubro de 1921 — carta a João Lúcio de Azevedo, Portugal: «Taunay vai publicar o Antonil, com uma introdução sem notas. Acho inexplicável êsse procedimento de tomar a si o que qualquer caixeiro faria, juntando apenas o nome. Não é por apêrto de dinheiro. O pai deitou fora o dinheiro, em especulações, segundo uns, por tratantadas de falsos amigos, segundo outros. Mas êle está bem colocado: diretor do Museu; a senhora herdou, não muito, mas herdou. Publicar o Antonil era um dos meus desejos, para êle a emprêsa era mais fácil do que a mim. Melhor para ambos. Vol. 11, pág. 223». Como se vê, o mestre estava obcecado pelo Antonil e esta foi uma das suas frustrações que não o levou à loucura porque êle tinha consciência do que queria e do que não podia...

(9) Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas — Antonil — com um estudo bio-bibliográfico por Afonso de E. Taunay — Companhia Melhoramentos. Esta obra deve ter sido publicada em 1922. O nosso exemplar é da primeira edição e o adquirimos em Anápolis, Goiás.

(10) Idem.

diretor do Jornal do Comércio, sob a visão de um patriota da Independência. Todos os bibliófilos ignoravam quem era Antonil, quando Capistrano, em 1886, com 33 anos, resolve parte do problema-tormento e guarda-o. No seu tempo de menino, no Ceará, o livro colegial mais em voga era o "Iris Clássico", de Antônio Feliciano de Castilho. Ali deparara o mestre pela primeira vez um excerto de Antonil. Finalmente, depois de muitos anos, chega à conclusão de que era um jesuíta de Lucca, na Toscana, chamado João Antônio Andreoni. Em face dessa descoberta, Capistrano convida seu colega de repartição, Vale Cabral, para uma cerveja no Passeio Público, nesse tempo todo gradeado. Isso é o que nos conta Taunay, a quem Capistrano mandou em carta a comunicação, datada de 23 de julho de 1921.

Eloqüente tornou-se o insigne mestre porque era fato da sua pubrícia, e com isso deve ter ganho em atividade psíquica, com o desanuviar de mais um problema perturbador. Em carta a João Lúcio de Azevedo, datada de 13 de maio de 1923, mas incluída em 1922, no livro da sua correspondência, Capistrano comenta: "**Uma do Studart. Desde 1922 possui documentos sôbre Andreoni — Antonil, e só agora publicou uns pedaços sôbre o Ceará**" (11). Ora, Capistrano precipitou-se, apesar de Studart ser seu amigo, amigo de infância, íntimo, portanto. Raciocinou falsamente. Pensou que o Barão estava forçando uma eventualidade quase impossível. Apesar de raro, poderia ter aparecido um dos seis volumes no Ceará; poderia haver uma edição de 1837; e ainda havia outra feita em Macau, em 1897, por ocasião da visita do Barão de Ladário, em sua homenagem.

Na verdade, seria bem pouco provável, porém, Capistrano desconhecia as **Cartas Ânuas**, de Antonil. Eram documentos anuais que os Superiores Jesuítas mandavam para o Provincial em Lisboa ou ao Geral em Roma, contando os acontecimentos do ano. Vieira, por exemplo, estréia nas letras com uma **Carta Ânua**, mal se acolhe, fugido dos pais, à Quinta do Tanque, na Bahia. Nessa carta êle descreve a entrada dos holandeses, que lá ficaram cêrca de um ano... As Cartas Ânuas a que se refere Studart, de Andreoni, são três: uma, de 1714, que descreve a luta entre os índios e portuguêses no Ceará; a segunda, de fins do mesmo ano, contando a visita do Padre Antônio Guedes à Ibiapaba; e a terceira, que serve apenas para corrigir a biografia do padre, que é dado como morto em 1716.

(11) Vol. II, pág. 248.

Portanto, Studart havia realmente publicado excertos de Antonil, de outra fonte. O Barão não se referia à obra mas ao autor. O que êle conhecia e tinha desde 1902 era as **Cartas Anuas**, de Antonil. (12)

Capistrano perdera o senso das cousas na sua ânsia incontida pelo jesuíta Antônio Andreoni, êmulo de Garcia da Horta, o mestre do **Colóquio das Drogas.**

---

(12) Índice anotado na Revista do Instituto do Ceará (do Tomo I ao LXIII, 1959, José Honório Rodrigues, pág. 62).